

Percepção dos treinadores do Novo Basquete Brasil (NBB) sobre o desenvolvimento dos atletas brasileiros
Perception of coaches of the Novo Basquete Brasil (NBB) about the development of Brazilian athletes
Percepción de los entrenadores del Novo Basquete Brasil (NBB) sobre el desarrollo de los atletas brasileños

*Cleiton Pereira Reis, *Varley Teoldo da Costa, *Fernando de Azevedo Alves Pereira, *Elton César dos Santos,
Dilson Borges Ribeiro Junior, *Luciana Thomazini de Araujo, ****Roberto Rodrigues Paes
*Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), **Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil), ***Prefeitura de Barueri (Brasil),
****Universidade Estadual de Campinas

Resumo. O objetivo do estudo foi analisar a percepção de treinadores profissionais de basquetebol sobre o processo de formação e desenvolvimento de atletas brasileiros. Participaram 9 treinadores de equipes que disputaram o NBB, nas temporadas 2018-2019. Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada. Após a transcrição literal das entrevistas, o conteúdo foi analisado a partir de miniunidades (MUs). Os treinadores ressaltaram a ineficiência das escolas em desenvolver a coordenação motora dos alunos, e a precariedade da estrutura física para prática do basquetebol. Os entrevistados salientaram que a falta de espaços públicos para prática do esporte e a ausência de um programa nacional que capilarize o esporte são problemas sérios que necessitam ser enfrentados. Eles comentaram que o basquetebol universitário não contribui efetivamente para o desenvolvimento dos atletas brasileiros rumo ao profissionalismo. Além disso, as instituições esportivas não apresentam uma estrutura adequada para desenvolver os atletas. Verifica-se na categoria de base a existência de poucas equipes federadas, e conseqüentemente um número pequeno de competições e de partidas oficiais disputadas. Conclui-se, pela percepção dos treinadores, que no Brasil existe uma precariedade nas ações das instituições educacionais, governamentais e esportivas em desenvolver atletas de basquetebol masculino de categoria de base.

Palavras-chave: basquetebol, desenvolvimento de atletas, educação física e treinamento, políticas públicas, treinadores.

Abstract. The aim of the study was to analyze the perception of professional basketball coaches about the process of training and development of Brazilian athletes. Nine coaches participated in the NBB, seasons 2018 and 2019. A semi-structured interview was used. After the literal transcription of interviews, the content was analyzed from meaning-units (MUs). The coaches highlighted the inefficiency of schools in developing the motor coordination of students, and the precarious physical structure for the practice of basketball. The interviewees noted that in the absence of public spaces for practicing sports and in the absence of a national program that democratize the sports is a serious problem that need to be faced. They comment that college basketball does not contribute effectively to the development of Brazilian athletes towards professionalism. Furthermore, sports institutions do not present a suitable structure to develop athletes. In the youth category, there are few federated teams, and consequently a few competitions and official matches played. It is concluded, by the coaches' perception, which in Brazil there is a precariousness in the actions of educational, governmental and sports institutions in developing male basketball players in the youth category.

Keywords: basketball, athletes development, physical education and training, public policies, coaches.

Resumen. El objetivo del estudio fue analizar la percepción de los entrenadores profesionales de baloncesto sobre el proceso de formación y desarrollo de los deportistas brasileños. Nueve entrenadores de equipos que compitieron en el NBB participaron en las temporadas 2018-2019. Se utilizó un guión de entrevista semiestructurado. Luego de la transcripción literal de las entrevistas, se analizó el contenido a partir de mini unidades. Los entrenadores destacaron la ineficiencia de las escuelas en el desarrollo de la coordinación motora de los estudiantes, y la precariedad de la estructura física para la práctica del baloncesto. Los encuestados destacaron que la falta de espacios públicos para la práctica de deportes y la ausencia de un programa nacional para democratizar el deporte son problemas graves que deben abordarse. Comentaron que el baloncesto universitario no contribuye de manera efectiva al desarrollo de los deportistas brasileños hacia el profesionalismo. Además, las instituciones deportivas no cuentan con una estructura adecuada para desarrollar a los deportistas. En la categoría base, hay pocos equipos federados y, en consecuencia, un pequeño número de competiciones y partidos oficiales disputados. Se concluye, según la percepción de los entrenadores, que en Brasil existe una precariedad en las acciones de las instituciones educativas, gubernamentales y deportivas en el desarrollo de atletas de baloncesto masculinos en la categoría base.

Palabras Clave: baloncesto, desarrollo del deportista, educación y entrenamiento físico, políticas públicas, entrenadores.

Fecha recepción: 23-04-21. Fecha de aceptación: 15-07-21

Cleiton Pereira Reis
cleitonpreis@yahoo.com.br

Introdução

É recorrente na literatura a intenção de compreender o processo de desenvolvimento de atletas rumo ao desempenho de excelência, ou seja, como um principiante pode se tornar um atleta de elite em uma determinada modalidade (Ericsson & Harwell, 2019; Ericsson, 2020; De Rycke & De Bosscher, 2019; Galatti, Marques, Barros, Seoane, & Paes, 2019; Reis, Costa, Noce, Ferreira, & Moraes, 2015). Além de anos de treinamento, apoio dos pais e alto grau de motivação para a prática esportiva, se faz necessário uma infraestrutura adequada para o desenvolvimento destes atletas. Tal processo está ligado estreitamente a uma realidade contextual (Ericsson & Harwell, 2019; Ericsson, 2020; Ferreira, Moraes, Reis, & Costa, 2020). São necessários recursos adequados para que um atleta consiga se desenvolver no esporte, como: treinadores capacitados, infraestrutura para a prática esportiva, material esportivo e recursos financeiros (De Bosscher, De Knop, Van Bottenburg, Shibli, 2006; Ericsson, 2020; Ferreira, et al., 2020; Reis, Moraes, Ferreira, Noce, & Costa, 2014). Verifica-se que modelos fornecem um suporte teórico para entender o contexto do desenvolvimento de atletas rumo ao desempenho de excelência. Sendo assim é possível verificar possíveis déficits em cenários específicos da formação esportiva. Ressalta-se que o processo de desenvolvimento de um atleta está inserido em um contexto muito maior que o fomento do esporte em si, em todas as suas manifestações.

O Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva (*Developmental Model of Sport Participation*, DMSP) preconiza que as crianças, bem antes de pensar em serem atletas, na fase de iniciação esportiva, precisam ter o contato com o esporte de forma lúdica, informal, universal e irrestrita, se envolvendo na maior variedade de prática esportiva (Côté, Lidor, Hackfort, 2009; Côté & Vierimaa, 2014). Apenas uma parte destas crianças atingirá o patamar de atletas profissionais. Porém as crianças que conseguem acessar a prática esportiva poderão usufruir dos benefícios dessa prática ao longo da vida como: melhoria do estado físico e mental, socialização, prática como lazer, entre outros (Côté, et al., 2009; Kliethermes, et al., 2020). Assim a base para o desenvolvimento do esporte é a democratização da prática, tanto para surgimento de atletas de elite quanto para o aumento do número de praticantes como forma de participação esportiva (Kliethermes, et al., 2020; Reverdito & Scaglia, 2020).

O modelo proposto De Bosscher et al. (2006), denominado *Sports Policy factors Leading to International Sporting Success (SPLISS)/ Fatores Referentes à Política Esportiva que Levam ao Sucesso Esportivo*, preconiza alguns pilares básicos para o sucesso esportivo de um país. São eles: desenvolvimento de atletas de elite, instalações de treinamento adequadas, programa de formação e desenvolvimento de treinadores, experiências em competições nacionais e internacionais e estudos científicos ligados ao esporte. A implementação de políticas para o desenvolvimento do esporte, bem como o aporte financeiro para o implemento dessas políticas são considerados como fatores básicos para o desenvolvimento esportivo (García-Unanue, et al., 2019; Soares, Silva Júnior, & Franco, 2020). Nesse sentido políticas esportivas precisam capilarizar e democratizar o acesso à prática esportiva (De Bosscher, De Knop, Bottenburg, Shibli, & Bingham, 2009; De Rycke & De Bosscher, 2019). Países considerados potências olímpicas apresentam programas esportivos que aliam o esporte e instituições educacionais (Australia, 2021, Cave, 2004, Lower-Hoppe, Petersen, & Hutton, 2020, Puig, Martínez, & García, 2010, UK, 2021).

Nesse contexto o fomento do esporte é um direito do cidadão e um dever do estado. Tais aspectos são básicos para o desenvolvimento de atletas (De Bosscher, et al. 2009; Hildebrandt-Stramann, 2018; Leiva-Arcas, Vaquero-Cristóbal, Sánchez-Pato, Abenza-Cano, & Martínez-Patiño, 2020). As entidades governamentais promovem o suporte estrutural para os atletas se desenvolverem, como o acesso: à educação, a centros de treinamento de excelência, a treinadores com alto grau de proficiência, a um planejamento para o encerramento da carreira, entre outros.

Apesar de já existir várias leis na esfera estadual e nacional que garantem ao cidadão brasileiro o acesso à prática esportiva, e que ressaltam a responsabilidade das entidades governamentais em fomentar o esporte (Silva & Silva, 2015), a realidade brasileira mostra que os atletas encontram uma gama de dificuldades para se desenvolverem, já que o estado brasileiro no geral possui uma baixa eficiência na implantação, manutenção e execução das políticas públicas de fomento ao esporte (Alves & Pieranti, 2007; Lower-Hoppe, et al., 2020). O estudo de Reis et al. (2014) avaliou a realidade de atletas de categoria de base de Minas Gerais e concluiu que os clubes têm dificuldades em oferecer aos atletas recursos humanos, materiais e financeiros adequados para o treinamento e competições, principalmente no

que tange o acesso a bolsa de estudo, transporte para os treinamentos, quadras para o treinamento, equipe multidisciplinar que auxilie o trabalho do treinador. Tal situação, de acordo com o estudo, dificulta que atletas de basquetebol alcancem o patamar de atletas profissionais. A investigação de Leonardi, Gutierrez, Sarti, Souza, Nicolau, Galatti, & Paes (2021) descreve que entidades esportivas de uma liga independente do Estado de São Paulo apresentam dificuldades financeiras para manter as equipes de categoria de base. Pode-se, em suma, afirmar que os problemas estruturais e de fomento afetam toda a cadeia produtiva para o surgimento de novos atletas do basquetebol brasileiro (Lower-Hoppe, et al., 2020).

Os treinadores do NBB (Novo Basquete Brasil), principal competição do basquetebol profissional brasileiro, são os profissionais que estão na ponta do desenvolvimento da modalidade. Nesse sentido esses treinadores tendem a visualizar o contexto de formação de atletas, sendo que a percepção desses agentes pode ajudar na compreensão de possíveis gargalos no sistema esportivo brasileiro. Os treinadores de equipes profissionais são diretamente afetados na montagem das equipes pelo processo de formação dos atletas brasileiros. Entrevistar estes especialistas, pode ajudar na melhor compreensão do cenário da formação de atletas brasileiros de basquetebol, bem como no apontamento de possíveis caminhos a serem seguidos.

Não foram encontrados na literatura trabalhos que analisaram por meio da percepção de treinadores profissionais a formação de atletas masculinos de basquetebol de categoria de base. Emerge-se assim o seguinte questionamento: «o contexto brasileiro na categoria de base favorece que os atletas masculinos de basquetebol se tornem profissionais»? Este trabalho pretende contribuir para discussão sobre o contexto de desenvolvimento de atletas brasileiros de basquetebol, e como esse contexto interfere para que os atletas de categoria de base se tornem atletas profissionais. Assim, o objetivo do estudo foi analisar a percepção de treinadores profissionais de basquetebol sobre o processo desenvolvimento de atletas brasileiros.

Método

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa (McGrath, Palmgren, & Liljedahl, 2019; Patton, 2015). Privilegia-se a fala de atores sociais, consegue atingir um nível de compreensão que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriado para

investigação cujo objetivo é conhecer como um grupo de pessoas percebe um determinado contexto social (Patrick & Corte, 2019; Smith & Sparks, 2016). Este tipo de abordagem se caracteriza pela compreensão das realidades múltiplas que determinam o desenvolvimento dos indivíduos e pelo conhecimento holístico a respeito do contexto a ser estudado (Smith & Sparks, 2016).

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, sob o número de protocolo 0454.0.203.000-11. Todos os treinadores assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Garantiu-se o anonimato e confidencialidade dos dados.

Participaram do estudo nove treinadores principais, do sexo masculino, com média de idade de 46.70 ± 9.28 anos, de equipes que disputaram o NBB (Novo Basquete Brasil) da temporada 2018-2019, principal competição do basquetebol masculino profissional brasileiro. Na temporada em questão 14 equipes participaram do campeonato. Dos 14 treinadores, um não respondeu ao convite, e quatro deles não tiveram espaço nas agendas para atender à solicitação. Assim os participantes correspondem a 64.29% profissionais que trabalharam na temporada do NBB na temporada citada. Realizou-se um primeiro contato com os treinadores, para o agendamento da coleta de dados. A assinatura do Termo de Consentimento por parte dos voluntários, a aplicação da ficha de identificação e a entrevista semiestruturada foram administradas pelo mesmo pesquisador.

Utilizou-se como instrumento de pesquisa um roteiro de entrevista semiestruturada retrospectiva (Patton, 2015; Smith & Sparks, 2016), para análise da percepção dos treinadores sobre o processo de formação e desenvolvimento de atletas brasileiros. As perguntas foram elaboradas por um grupo de cinco especialistas em Psicologia do Esporte e Basquetebol. Para a validação do roteiro de entrevista quatro dos cinco especialistas precisavam concordar com o conteúdo (Côté, Ericsson, & Law, 2005) para posterior utilização como roteiro da entrevista com os treinadores (Côté, et al., 2005; Smith & Sparks, 2016; Patton, 2015). Para construir o roteiro de entrevistas os pesquisadores se basearam na literatura sobre o desenvolvimento de atletas (De Bosscher, et al. 2006, 2009; De Rycke & De Bosscher, 2019; Côté & Vierimaa, 2014). A construção gerou os seguintes questionamentos para se iniciar a entrevista, bem como uma lista de pontos para serem abordados inicialmente:

- O desenvolvimento do atleta brasileiro na categoria de base é adequado para formar atletas profissionais? Faça uma análise do desenvolvimento dos atletas de

basquetebol no Brasil da escola até a categoria profissional.

- Na sua percepção, quais são os principais pontos que dificulta o desenvolvimento do atleta brasileiro de categoria de base?

-Discorra sobre os pontos levantados.

Lista de pontos:

-Basquetebol escolar;

-Basquetebol Universitário e formação universitária dos atletas;

-Políticas para desenvolvimento e democratização do basquetebol;

-Espaços públicos;

-Basquetebol nas entidades esportivas;

-Estrutura para o treinamento;

-Equipes e competições.

Este tipo de método de entrevista permite se expandir novos questionamentos a partir das perguntas primárias de acordo com o depoimento de cada treinador, o que resulta em um grande número de informações colhidas (Engel & Schutt, 2011; McGrath, et al., 2019; Smith & Sparks, 2016). O tempo médio das entrevistas foi de aproximadamente 40 minutos. Posteriormente as entrevistas foram transcritas e enviadas aos treinadores para uma confirmação do conteúdo que havia sido transcrito, juntamente com uma carta-resposta para ser assinada, confirmando a veracidade dos dados (Patton, 2015).

Seguiu-se os seguintes passos para análise dos dados: primeiramente, realizou-se uma leitura cuidadosa das transcrições das entrevistas, para um entendimento global do conteúdo. Depois, as entrevistas com os treinadores foram divididas em pequenos trechos, ou mininidades, denominadas *meaning units* (MUs) (Patton, 2015). Elas são consideradas as menores partes compreensíveis de um texto que expressam uma ideia ou informação (Engel & Schutt, 2011). A partir das MUs foi possível analisar as repostas dos entrevistados. A transcrição das entrevistas, realizadas por um mesmo pesquisador, resultou em 46 páginas digitadas com espaçamento 1,5, fonte Arial. Ao todo foram encontradas 148 MUs. A Figura 1 mostra a estruturação das MUs mais significativas, e estas foram utilizadas para análise. Tais MUs, no total de 98, são aquelas que possuem uma maior relação com o objetivo do estudo (Côté, et al., 2005). A partir das entrevistas dos treinadores e do objetivo do estudo, bem como a literatura sobre desenvolvimento de atletas (De Bosscher, et al. 2006, 2009; De Rycke & De Bosscher, 2019; Côté & Vierimaa, 2014), foi possível categorizar as MUs, como mostra a

Figura 1. O processo foi realizado a partir das análises dos especialistas, os mesmos que analisaram o conteúdo do roteiro, sendo que tanto o estabelecimento da categoria e a subcategoria, bem como a alocação de cada MU, foram estabelecidos a partir de uma concordância mínima de 80%. Para prevalecer o anonimato dos entrevistados, identificou-se cada MU com a letras T e um número de 1 a 9. Abaixo consta um exemplo de MU alocada na categoria «instituições educacionais»:

«Estamos longe de ter uma estrutura boa, um trabalho ideal... a partir do momento que você não tem o basquete na escola, você não pode esperar que você tenha uma seleção adulta competitiva. Não dá, no contexto brasileiros não dá! (T2).



Figura 1. Categorização das MUs selecionadas. Dados do Estudo

Resultados

Os resultados serão apresentados de acordo com as categorias e subcategorias que surgiram a partir das análises dos especialistas. A categoria «instituições educacionais» está relacionada ao papel das universidades no desenvolvimento dos atletas. Já a categoria «instituições governamentais» remete à função do governo, nas esferas municipais, estadual e federal is em fomentar o basquetebol. «Instituições esportivas» refere-se as entidades que possuem equipes de base, principalmente aos clubes de categoria de base da modalidade.

Instituições Educacionais

Todos os treinadores ressaltaram a ineficiência das escolas em promover o desenvolvimento motor e esportivo dos alunos. Os treinadores criticaram também a precariedade da aula de Educação Física e da estrutura física das escolas para prática do basquetebol.

«Estamos longe de ter uma estrutura boa, um trabalho ideal, e a partir do momento que você não tem o basquete ou qualquer esporte na escola, você não pode esperar que se tenha uma seleção brasileira forte... a escola está muito distante dos clubes, a escola perdeu totalmente o incentivo pelo esporte e tudo teria que ser para a escola, na minha opinião... não se observa políticas

públicas consistentes voltadas ao esporte escolar, que leve a criança realmente a praticar esportes na escola... são casos isolados...»(T2)

«Um engodo... mentiroso, tanto o esporte estudantil, quanto o universitário um engodo. Primeiro não têm esportes nas escolas de forma sistematizada, e se fala em investimento no basquete, no esporte estudantil, muito precário.» (T1)

Vislumbra-se a partir do entendimento dos entrevistados que o esporte na escola é o futuro para o desenvolvimento de atletas de basquetebol no Brasil, sendo que o trabalho realizado nos clubes daria continuidade a esse processo. Além disso, o treinador destaca um número reduzido de equipes de basquetebol na base.

«Acho que o esporte escolar é para mim a saída em relação à formação esportiva do atleta brasileiro, a relação esportiva tem que está dentro da escola, os clubes eles têm que está trabalhando na continuidade desse processo que iniciou na escola na minha concepção até os 14/15 anos, para clube assumir...» (T5)

Além disso, os treinadores ressaltaram que a associação do esporte escolar com o esporte feito nos clubes poderia ser uma boa alternativa para o melhor desenvolvimento dos atletas. Todavia muitas vezes esta parceria, quando existe, é comprometida. A escola deseja somente o atleta, e geralmente, tais parcerias não são duradouras. E os atletas que se destacam nos jogos escolares geralmente são atletas de clubes.

«Olha eu acompanhei durante cinco, seis anos mais ou menos o Comitê Olímpico Brasileiro nos jogos escolares... tinha o sub-14 e sub-17 né, normalmente quando a gente montava sempre uma avaliação de todos os atletas, os que se destacavam eram atletas de clube, não tem jeito... No Brasil o atleta da escola se desenvolve no clube, não na escola, na maior parte... Poderia ter uma parceria entre o clube e escola, as coisas andando juntas, além do esporte na própria escola...» (T5)

Quanto ao papel das instituições universitárias em fomentar o desenvolvimento dos atletas de basquetebol, todos os treinadores comentaram que o esporte universitário é extremamente deficitário e desorganizado, tanto nas instituições públicas quanto privadas, e que pouco contribui para o desenvolvimento dos atletas rumo ao profissionalismo. Estes profissionais citam o modelo americano de basquetebol universitário como um exemplo a ser seguido pelo governo brasileiro:

«Agora, aqui no Brasil não existe basquete universitário, muito ruim...desorganizado, desprestigiado...eu trabalhei sete anos no basquete universitário, fui técnico da engenharia, fui jogador universitário seis anos que eu fiz dois anos de engenharia, joguei quatro anos, eu acho o esporte universitário

no Brasil em geral é ruim, pois não é encarado como uma maneira de desenvolver o atleta ... » (T2)

Verificou-se também por meio das falas dos treinadores que seria importante que as instituições de ensino universitário fomentassem o esporte de rendimento.

«Equipe para disputar campeonatos nacionais, campeonato paulista, campeonato estaduais, então eu vejo assim que nós precisamos trazer as instituições de ensino para o esporte de alto rendimento... seria um plus, uma coisa que faria bem a todos... um suporte para as equipes profissionais.» (T3)

Foi identificada também a importância da formação universitária para o atleta postulante a profissional. Destacou-se sobretudo a dificuldade que o atleta enfrenta para conseguir estudar em uma universidade e continuar praticando o esporte profissionalmente.

«...nenhum aspecto do nosso modelo brasileiro se assemelha ao modelo americano, que o atleta pode cursar a universidade e jogar em alto nível... fica complicado para o atleta de 18, 19 anos continuar a estudar, fazer uma universidade e continuar no basquete, geralmente faz uma coisa ou outra...seria importante continuar estudando... » (T4)

Comentou-se também da possibilidade das universidades particulares estabelecerem um programa nacional de bolsas para os atletas.

«As bolsas seriam importantes, deixaria mais próximo o atleta da universidade, um programa nacional, que facilitasse para os clubes e para os atletas. Estudar de graça, e poder jogar basquete, nos ajudaria muito...» (T6)

Instituições Governamentais

Sobre o papel das entidades governamentais para fomentar o desenvolvimento de atletas basquetebol, os treinadores salientam a precariedade de espaços públicos para prática. Com isso, poucas pessoas têm acesso à modalidade em suas diversas formas de manifestação. Para os treinadores se faz necessário que as crianças tenham um contato inicial com esporte principalmente em espaços públicos, para o desenvolvimento das noções básicas do esporte, de forma lúdica e informal, antes do treinamento formal nos clubes.

«O basquete hoje é nos clubes e é elitista, um esporte elitista também, não tem nada nas escolas... deve-se fazer basquete, esporte nas escolas como se faz nos Estados Unidos, nos países desenvolvidos, onde a escola funciona... O menino joga em casa, joga na rua, joga com os amigos, vai para a escola jogar...joga o tempo todo...» (T1)

«Essa questão no Brasil, o esporte não é democrático, né? Nem todo mundo tem oportunidade, está na nossa constituição... deveria ter oportunidade de fazer o esporte, mas não tem né,

nem todo mundo tem essa possibilidade. Então, acho que precisa se criar uma forma de dar oportunidade a todos. « (T8)

Salientou-se também a ausência de políticas públicas para fomentar a prática de basquetebol no cenário brasileiro.

«O basquete é muito voltado aos clubes no Brasil, pouca gente tem acesso... aquele discurso que a gente fala, que a gente tem o material humano, beleza, mas eles não têm acesso. Eu falo para você que não é um problema da confederação ou federação, é um problema de políticas públicas». (T2)

Em 2007, foi aprovada a Lei 11.472 de Incentivo ao Esporte que prevê a possibilidade de pessoas físicas e jurídicas destinarem uma parcela do imposto de renda em projetos esportivos elaborados por entidades esportivas sem fins lucrativos, mediante à aprovação de uma comissão do ministério dos esportes (Brasil, 2007). Contudo, um dos treinadores destaca a dificuldade dos clubes em se beneficiarem desta lei. Os treinadores das equipes profissionais destacam a importância da lei de incentivo para o fomento do basquetebol.

«Viés político né, esse viés político ele é muito perigoso né, hoje em dia se você não tiver a lei de incentivo, não consegue fazer o basquete na base... é bom para empresa e para o clube, tudo funciona assim hoje... mas é difícil para muitos conseguir...» (T4)

«A lei de incentivo é uma saída, os clubes precisam se adaptar, melhorar para conseguir captar... acho que temos que se preparar melhor..., não temos esse conhecimento, de ir e captar. O treinador é pouco treinado para ser empreendedor, para fazer acontecer...» (T9)

Instituições Esportivas

Os treinadores comentaram que são poucas as instituições esportivas que possuem estruturas de ponta no Brasil para desenvolver os atletas. Além disso eles destacam que a maior parte das equipes estão localizadas na região sudeste e sul do Brasil.

«Poucos locais tem uma estrutura de primeira para fomentar o basquetebol no Brasil. Pode se contar nos dedos. Na base as equipes sofrem com inúmeras dificuldades financeiras e de contratação de profissionais...» (T9)

«Difícil encontrar clubes com boa estrutura. Existe, mas são poucos no contexto brasileiro...o número de equipes de basquete em muitos estados é muito pequeno, principalmente no norte e nordeste... tinha que popularizar mais... Falta tudo, desde dinheiro para pagar profissionais, para viajar, jogar em outros estados... concentra-se no sul e sudeste, não tem jeito» (T1)

Ressalta-se, pela fala desses profissionais, que existem poucas equipes de categoria de base no Brasil, e assim os campeonatos são esvaziados.

«Tem poucas equipes, tem lugar que se faz circuitos ... no Brasil, na base são poucos campeonatos e as equipes disputam muito poucos jogos, com exceção de São Paulo. Mas mesmo São Paulo diminuiu muito... assim fica difícil, muito difícil...» (T9)

«Tem lugar que não tem campeonato sub-19, sub-20. Mesmo com a liga de desenvolvimento, tem lugar que o atleta fica um bom tempo só treinado, praticamente não joga... fica difícil, difícil de motivar o atleta, de deixar o atleta com um bom nível competitivo, jogando sempre...» (T8)

Percebe-se, ao se analisar a fala dos treinadores, que o atual cenário brasileiro promove um número pequeno de atletas de basquetebol em formação, o que diminui a possibilidade de se revelar atletas para o profissionalismo.

«Deveria ter em toda escola uma tabela de basquete para todos que queiram jogar, isso deveria ter em todos os parques também. Você encontra quadras de futsal, também encontra também quadras de basquete... e pegar três maiores federações do Brasil, e ter cerca de 2 mil atletas federados na base é muito pouco, então você não ter atletas é obvio que afeta diretamente, é obvio que vai faltar jogador no profissional». (T7)

Discussão

O objetivo do estudo foi analisar a percepção de treinadores profissionais de basquetebol sobre o processo de desenvolvimento de atletas brasileiros. Os treinadores entrevistados destacaram que a escola poderia contribuir para o processo de formação dos atletas melhorando a qualidade das aulas de educação física e ofertando um maior número de vivências motoras aos alunos, em especial no que tange o desenvolvimento motor das crianças e adolescentes. Essa ação contribuiria para o surgimento de novos talentos, não só para o basquetebol como também para inúmeras outras modalidades esportivas. O basquetebol, tanto olímpico como paralímpico, na escola pode ser apresentado aos alunos como projeto de extensão ou como um dos conteúdos da Educação Física.

A realidade do basquetebol no Brasil contrasta com o fomento esportivo de países considerados potências olímpicas em vários esportes. Na Austrália existe um programa governamental denominado *Active After-schools Community Program* (AASC), traduzido como Programa Comunitário de Atividades no Contra turno Escolar, gerenciado pela Comissão Australiana de Esporte (Austrália, 2021). Esse programa objetiva proporcionar nas escolas primárias, depois do horário regular das aulas, a prática esportiva. Para promover a continuidade desse programa o governo australiano destinou mais 320 milhões de dólares nos últimos anos, no sentido de inte-

grar cada vez mais o esporte escolar com a sociedade (Austrália, 2021). Programas esportivos no ambiente escolar são também observados no Japão (Cave, 2004), na Espanha (Puig, et al., 2010) e no Reino Unido (UK, 2021), entre outros.

Os propósitos e efeitos da inclusão do esporte na escola devem ser alvos de reflexão permanente, não para acomodar acriticamente as transformações na cultura desportiva, mas para dar um enquadramento pedagógico ao jogo (Aguado, Garzarán, & Fernández, 2015; Johnson & Sánchez, 2021; Lower-Hoppe, et al., 2020). A lei 9.394 de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases Curriculares da Educação Brasileira (Brasil, 1996) propõe que o esporte seja valorizado como atividade extracurricular, possibilitando o desenvolvimento escolar infanto-juvenil. Vislumbra-se nesse sentido a inserção do esporte nas escolas em um momento que o aluno não estivesse incumbido das suas obrigações habituais. Porém o Brasil enfrenta também problemas quanto à estrutura física das escolas para prática esportiva. Apenas 30% das Escolas Públicas Municipais possuem quadras poliesportivas (INEP, 2019). No texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Física (1997, pp.61), há uma reflexão a este respeito:

«Sabe-se que na realidade das escolas brasileiras os espaços disponíveis para a prática e a aprendizagem de jogos, lutas, danças, esportes e ginásticas não apresentam a adequação e a qualidade necessárias. Alterar esse quadro implica uma conjugação de esforços da comunidade e poderes públicos».

Sabe-se que, no Brasil, a Educação Física Escolar encontra limitações, desde a formação do profissional até a realidade das instituições de ensino em nosso país. O trato do esporte nas instituições escolares brasileiras precisa ter uma mudança de paradigma que inclua também o esporte no sentido de desenvolvimento de atletas. Isso não exclui a prática prazerosa ou democrática do esporte, voltada para todos os alunos. A escola é o ambiente mais democrático para prática esportiva (Aguado, et al, 2015; Hildebrandt-Stramann, 2018). Todas as crianças têm direito a escola pública e gratuita, de acordo com a constituição (Brasil, 1988). É na escola que a criança passa vários anos da sua formação educacional.

É de suma importância que as entidades governamentais desenvolvam estratégias para fomentar o acesso ao esporte. Políticas esportivas são considerados pilares básicos no sentido de propiciar o acesso à prática esportiva para a população, e partir daí desenvolver atletas para a modalidade específica (De Bosscher 2006; 2009; De Rycke & De Bosscher, 2019). Porém,

no Brasil, o modelo esportivo é baseado na formação de atletas nos clubes, e não nas instituições educacionais ou públicas (Mazzei, Meira, Bastos, Böhme, & De Bosscher, 2015). A aquisição das cotas dos clubes é considerada como financeiramente dispendiosa, e assim invariavelmente o acesso à prática do basquetebol é destinado às classes com maior poder aquisitivo (Leonardi, et al., 2021). O contexto brasileiro apresenta uma base deficitária de acesso da população à prática esportiva e do basquetebol, visto o caráter privado dos clubes que fomentam o esporte. Além disso essas instituições enfrentam obstáculos para desenvolver os atletas basquetebol. As dificuldades estão atreladas às estruturas dos clubes como: falta de recursos humanos, financeiros, até mesmo de material esportivo; bem como número de competições para disputar (Beneli, Galatti, & Montagner, 2017; Reis, et al., 2014; 2015). No Brasil os clubes pequenos apresentam dificuldades financeiras para se filiarem às entidades organizadoras do basquetebol devido às elevadas taxas (Galatti, et al., 2021). Um estudo focado na implementação de uma liga de basquetebol independente em São Paulo, estado mais tradicional na prática do basquetebol brasileiro, revela que as entidades esportivas apresentam dificuldades financeira de se associarem à liga e invariavelmente não conseguem manter equipes em todas as categorias na disputa dos campeonatos (Leonardi, et al., 2021).

Quanto ao papel das universidades para desenvolver atletas de basquetebol, os treinadores citaram que seguir uma carreira acadêmica não parece ser um caminho viável para os atletas brasileiros. O estudo de Costa e Escudeiro (2018) mostrou a dificuldade em promover o esporte universitário, sendo que não existe uma estrutura para treinamento nas universidades e os campeonatos universitários ocorrem em poucos meses do ano de forma precária. Em suma não existe uma liga universitária de basquetebol forte que consiga promover competições ao longo do ano. Sugere-se, sobre esse contexto, políticas públicas que promovam incentivos fiscais para universidades que estiverem dispostas a investir na formação educacional e esportiva de seus alunos/atletas.

Recomenda-se, em relação as universidades públicas, uma política governamental na esfera federal que fomenta o esporte universitário em todo o país. Isso contribuiria para a diminuição do nível de inatividade física dos universitários, bem como para a manutenção da sua saúde física e mental dos mesmos. Estudos recentes apontam o aumento das doenças mentais e fi-

sicas nessa população (Gomes, Pereira Junior, Cardoso, & Silva, 2020; Talarico Neto, Hans Júnior, Fernandes, Teixeira-Arroyo, & Silva, 2020). Em síntese há uma necessidade de promover o esporte universitário, sendo que tal iniciativa pode contribuir, não somente para o desenvolvimento do esporte no país, como também para a promoção da saúde nesse ambiente estudantil. Outras iniciativas também poderiam ajudar o fomento do basquetebol para atletas em idade universitária como a criação de mais ligas independentes e de equipes mantidas pelos municípios (Leonardi, et al., 2021), até mesmo associar o esporte nos clubes com o esporte universitário, com a implantação de um sistema de bolsas e também de uma agenda que propicie que os atletas possam competir e estudar (García & Burillo, 2018).

Nos Estados Unidos o esporte é diretamente ligado à educação, desde a entrada da criança na escola, até a saída deste indivíduo dos estudos acadêmicos (Lower-Hoppe, et al., 2020). Para ingressar no basquetebol universitário americano, além de ser um bom esportista, o atleta deve possuir um rendimento acadêmico satisfatório. Essa cultura de atrelar o esporte e a educação universitária vem desde o começo do século 20. Tal contexto sociocultural retroalimenta todo sistema esportivo. A criança aprende a gostar do basquetebol em seu meio ambiente, no seu bairro por exemplo, e depois pratica a modalidade no seu dia a dia na escola, e posteriormente na universidade. A maioria absoluta dos jogadores americanos de basquetebol da *National Basketball Association* (NBA, 2021), mais importante liga de basquetebol profissional do mundo, saíram de alguma universidade americana. Os atletas universitários, casos não se profissionalizem, têm a oportunidade de concluir um curso superior (NCAA, 2021) e contribuir com o país em outro campo de atuação profissional. Deve-se tratar com ressalva alguns aspectos ao se citar o modelo norte americano esportivo, como o nível de hipercompetitividade e especialização precoce, bem como o índice de lesões de atletas ainda muito jovens (Moses, 2015; Post, et al., 2020). Porém é inegável que a associação do esporte com a educação é um dos pilares para o desenvolvimento da prática esportiva em um país (Hildebrandt-Stramann, 2018; Lower-Hoppe, et al., 2020).

Apesar de não se possuir ainda dados que comprovam *in loco* a precariedade dos espaços públicos nas cidades brasileiras para a prática do basquetebol, pela percepção dos treinadores é possível notar que há poucos espaços públicos para prática do basquetebol no Brasil, e quando existem, não apresentam uma condição adequada. É

necessário que os espaços apresentem, além de fácil acesso, tabelas de basquetebol, iluminação pública, segurança, entre outros aspectos que facilite a capilarização da prática da modalidade. A estruturação dos espaços das cidades deve ser também entendida à luz dos diversos mecanismos sociais, pois a maneira que o processo de urbanização é conduzido tem forte influência sobre o estilo de vida da população (Dias & Melo, 2009; Ferreira, Carvalho, & Lira, 2019). Em um âmbito geral, no Brasil é notória a ineficiência das autoridades governamentais em fornecer espaços públicos para a prática esportiva (Almeida & Marchi Júnior, 2010; Canan, Rojo, & Starepravo, 2019).

Sobre a Lei de Incentivo Federal ao Esporte (Brasil, 2007) os treinadores de basquetebol evidenciaram a dificuldade de conseguir recursos por meio dessa via. Além disso, os treinadores revelaram que a maior parte dos recursos são captados por clubes particulares e entidades que já possuem departamentos responsáveis pela construção de projetos de lei incentivados. Esta centralização dos recursos faz com que grande parte da população de esportistas não tenha acesso a este tipo de política pública. O estudo de Matias, Athayde, Húngaro e Mascarenhas (2015) retrata um cenário semelhante, já que grande parte dos recursos destinados aos projetos beneficiados pelas Leis de Incentivo ao Esporte são destinados aos clubes e entidades privadas de grande porte, e que pouco destes recursos são destinados a fomentar o esporte educacional e o esporte de participação. Verifica-se tal situação pela capacidade técnica e operacional que as instituições tradicionais esportivas possuem para aprovar e principalmente captar recursos da lei de incentivo ao esporte. Nesse sentido é preciso uma formação mais direcionada, por meio da capacitação dos profissionais que fazem parte do corpo administrativo dos clubes, para se otimizar as oportunidades oferecidas no contexto contemplado por essa lei.

Os treinadores salientaram que poucas equipes de base possuem recursos necessários para desenvolver os atletas. Além disso, os atletas, na percepção desses profissionais, têm um número reduzido de partidas oficiais disputadas na categoria de base. Estudo com atletas de basquetebol do estado de Minas Gerais, na última etapa de formação nas categorias de base, mostrou o reduzido número de partidas oficiais federadas disputadas por esses atletas (Reis, et al., 2014). O estudo também retratou a falta de recursos financeiros e humanos no processo de desenvolvimento dos atletas, como por exemplo, fomento de bolsas esportivas e escolares para os atletas se desenvolverem, transporte para treinos

e competições, contratação de outros profissionais para contribuir com o desenvolvimento dos atletas (preparadores físicos, auxiliares técnicos, fisioterapeutas, médicos, nutricionistas, psicólogos). Recursos humanos, materiais e financeiros para o treinamento e tempo de prática são requisitos para que um atleta consiga atingir um alto nível de rendimento, aspectos básicos contextuais para o desenvolvimento de atletas (De Bosscher, et al. 2006, 2009; De Rycke & De Bosscher, 2019; Ericsson & Harwell, 2019; Ericsson, 2020). O incremento de tais recursos passa por políticas esportivas eficientes e pela formação básica e continuada na capacitação de gestores esportivos com o objetivo de otimizar o processo de capitação de recursos.

Os treinadores também ressaltam que o número de equipes, e portando de campeonatos e partidas oficiais, são insuficientes para promover experiência competitiva aos atletas brasileiros. Estudos mostraram que a experiência competitiva, principalmente nas últimas fases de formação, é um fator essencial para que o atleta alcance um alto nível de desempenho (Ferreira, et al., 2020; Güllich, et al., 2019; Galatti, et al., 2019; Leite, et al., 2012; Reis et al., 2015).

O estudo se delimitou em analisar apenas a percepção dos treinadores de basquetebol de equipes profissionais que disputaram o NBB. Analisar a percepção desses profissionais é uma das formas de se entender o assunto estudado. Não foram entrevistados dirigentes, atletas e outros profissionais ligados à modalidade. Por não existir dados estatísticos compilados que permitam avaliar a realidade no basquetebol brasileiro em todas as suas áreas de manifestação (escola, universidades, clubes, federações) não foi possível confrontar a percepção dos treinadores com dados objetivos e estatísticos dessa modalidade no Brasil. Vale ressaltar que este estudo foi pioneiro em analisar a percepção dos treinadores de equipes profissionais do basquetebol brasileiro sobre o desenvolvimento e formação de atletas masculinos de categoria de base.

Conclusão

Conclui-se principalmente, por meio da análise da percepção dos treinadores, que há uma precariedade na estrutura geral para o desenvolvimento e formação de atletas de basquetebol no Brasil, o que dificulta no surgimento de atletas profissionais para a modalidade. Nesse sentido a percepção dos treinadores do estudo corrobora com as políticas de esporte dos países que apresentam resultados relevantes em competições

internacionais como os Estados Unidos e também países que utilizam o basquetebol como uma ferramenta educacional Austrália, Espanha, Japão, Inglaterra Os treinadores entrevistados não condenam o desenvolvimento dos atletas nos clubes, contudo apontam para a associação do modelo vigente a uma nova forma de democratização da prática por meio de políticas esportivas. Segundo a percepção dos treinadores os obstáculos são inúmeros e abrangem todo o contexto de formação de um atleta, do sistema escolar ao sistema de alto rendimento. Tal contexto está relacionado a uma precariedade das ações das instituições educacionais, governamentais e das próprias instituições esportivas em promover a modalidade.

Referências

- Almeida, B. S., & Marchi Júnior, W. (2010). O financiamento dos programas federais de esporte e lazer no Brasil (2004 a 2008). *Movimento*, 6(4), 73-92. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/13103/10845>
- Alves, J. A., & Pieranti, O. P. (2007). O Estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. *RAE-eletrônica*, 6(1), 1-20.
- Agudo, R. M., Garzarán, A. P., & Fernández, J. M. (2015). The transmission of social and moral education through sports. School and federated sports: relationships, bridges and possible transfers. *RETOS-Neuvas Tendencias en Educacion Fisica, Deporte y Recreacion*, (28), 276-284.
- Australia (2021). Sport Australia. Recuperado de <http://www.sportaus.gov.au/schools>
- Beneli, L. D. M., Galatti, L. R., & Montagner, P. C. (2017). Analysis of social-sportive characteristics of Brazil women's national basketball team players. *Revista de Psicología del Deporte*, 26(3), 0133-137.
- Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 5 de out.
- Brasil, (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro. Estabelece as Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional, *Casa Civil*, Brasília, DF, 20 de dez.
- Brasil (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. *Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 96p.
- Brasil (2007). Lei Nº 11.472 de 2 de maio, dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo. *Casa Civil*, Brasília, DF, 2 de maio.
- Canan, F., Rojo, J. R., & Starepravo, F. A. (2019). *Direito ao esporte: possibilidades a partir de políticas multicêntricas, regulatórias e redistributivas. Pensar a Prática*, 2(25), 1-13. <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.55426>
- Cave, P. (2004). «Bukatsudô»: The Educational Role of Japanese School Clubs. *The Journal of Japanese Studies*, 383-415.

- Costa, A. M., & Escudeiro, J.C. (2018). O papel do esporte universitário: As impressões dos gestores de uma Faculdade Privada. *ID on line, Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 12(39), 865-878. <https://doi.org/10.14295/idonline.v12i39.1035>
- Côté, J., Ericsson, A., & Law, M. (2005). Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: A proposed interview and validation procedure for reported information. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 1-19.
- Côté, J., Lidor, R., & Hackfort, D. (2009). ISSP Position Stand. To Sample or to Specialize: Seven Postulates about Youth Sports Activities that Lead to Continued Participation and Elite Performance. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 9, 07-17. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2009.9671889>
- Côté, J., & Vierimaa, M. (2014). The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Science & Sports*, 29, S63-S69. <https://doi.org/10.1016/j.scispo.2014.08.133>
- De Bosscher, V., De Knop, P., Van Bottenburg, M., & Shibli, S. (2006). A conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success. *European sport management quarterly*, 6(2), 185-215. <http://dx.doi.org/10.1080/16184740600955087>
- De Bosscher, V., De Knop, P., Bottenburg, M., Shibli, S. & Bingham, J. (2009) Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Review*, 12(3), 113-136. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2009.01.001>
- De Rycke, J., & De Bosscher, V. (2019). Mapping the potential societal impacts triggered by elite sport: a conceptual framework. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 11(3), 485-502. <https://doi.org/10.1080/19406940.2019.1581649>
- Dias, C., & Melo, V. (2009). Lazer e urbanização no Brasil: Notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). *Movimento*, 15(3), 249-271.
- Engel, R., & Schutt, R. (2011). Survey research. In: Grinnell, R., & Unray, Y. (Orgs.) *Social work research and evaluation foundations of evidence-base practice*. (pp. 326-364). Oxford: Oxford University Press.
- Ericsson, K. A., & Harwell, K. (2019). Deliberate practice and proposed limits on the effects of practice on the acquisition of expert performance: Why the original definition matters and recommendations for future research. *Frontiers in psychology*, 10, 2396. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02396>
- Ericsson, K. A. (2020). Towards a science of the acquisition of expert performance in sports: Clarifying the differences between deliberate practice and other types of practice. *Journal of Sport Science*, 38(2), p. 159-176. doi: 10.1080/02640414.2019.1688618
- Esteva, S., Drobnic, F., Puigdemívol, J., Serratos, L., & Chamorro, M. (2006). Fecha de nacimiento y éxito en el baloncesto profesional. *Apunts. Medicina del L'esport*, 41(149), 3-42
- Ferreira, M. C., Carvalho, R. S., & Lira, N. J. (2019). Práticas de esporte e lazer nas políticas públicas da cidade de Aracaju. *Lecturas: Educación Física y deportes*, 24(252). Recuperado de <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/772/707>
- Ferreira, M. C., Moraes, L. C., Reis, C. P., & Costa, V.T. (2020). Recursos financeiros, materiais e humanos para o desenvolvimento de atletas olímpicos brasileiros de saltos ornamentais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 34(2), 271-281. doi: 10.11606/1807-5509202000020271
- Galatti, L. R., Marques, R. F., Barros, C. E., Seoane, A. M., & Paes, R. R. (2019). Excellence in women basketball: Sport career development of world champions and olympic medalists Brazilian athletes. *Revista de Psicología del Deporte*, 28(3), 17-23. Recuperado de <https://revistes.uab.cat/rpd/article/view/v28-n3-galatti-marques-barros-et-al>
- García, P. B., & Burillo, P. (2018). Los deportistas de élite en el sistema universitario español. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, (33), 162-168. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i33.55773>
- García-Unanue, J., Felipe, J. L., Sánchez-Sánchez, J., Burillo, P., Fernández-Luna, Á., Riva, L., ... & Gallardo, L. (2019). The dimension of sport at the municipal level. Analysis from the new perspective of the effective cost and the management delivery forms. *RICYDE: Revista Internacional de Ciencias del Deporte*, 15(57), 254-265. doi: 10.5232/ricyde
- Gomes, C. F., Pereira Junior, R. J., Cardoso, J.V., & Silva, D.A. (2020). Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: abordagem epidemiológica sobre vulnerabilidades. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas*, 16(1), 1-8. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.157317>
- Güllich, A., Hardy, L., Kuncheva, L., Laing, S., Barlow, M., Evans, L., ... & Wraith, L. (2019). Developmental biographies of olympic super-elite and elite athletes—a multidisciplinary pattern recognition analysis. *Journal of Expertise*, 2(1), 23-46. Recuperado de <https://repository.cardiffmet.ac.uk/handle/10369/10332>
- Hildebrandt-Stramann, R. (2018). O currículo na formação dos estudantes de Educação Física na Alemanha- o exemplo do departamento de educação física da Universidade Técnica de Braunschweig. *Journal of Physical Education*, 29(1), 1-12. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v29i1.2901>
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (2019). Notas Estatísticas: Censo Escolar. Brasília. Recuperado de:

- http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf
- Johnson, F. N., & Sánchez, A. C. (2021). Emociones positivas del alumnado de Educación Secundaria en las prácticas de baloncesto en Educación Física. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*, (39), 109. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i39.80112>
- Kliethermes, S. A., Nagle, K., Côté, J., Malina, R. M., Faigenbaum, A., Watson, A. ... Jayanthi, N. (2020). Impact of youth sports specialisation on career and task-specific athletic performance: A systematic review following the American Medical Society for Sports Medicine (AMSSM) Collaborative Research Network's 2019 Youth Early Sport Specialisation Summit. *British Journal of Sports Medicine*, 54(4), 221-230. doi: 10.1136/bjsports-2019-101365
- Leite, N. M., & Sampaio, J. E. (2012). Long-term athletic development across different age groups and gender from Portuguese basketball players. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7(2), 285-300. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.7.2.285>
- Leonardi, T. J., Gutierrez, D. M., Sarti, A. C., Souza, L. A. D., Nicolau, P. S., Galatti, L. R., & Paes, R. R. (2021). Funding and performance of amateur and youth organizations in Brazil: a longitudinal analysis of a basketball league. *Motriz: Revista de Educação Física*, 27, 1-9. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742021001621>
- Leiva-Arcas, A., Vaquero-Cristóbal, R., Sánchez-Pato, A., Abenza-Cano, L., & Martínez-Patiño, M. J. Factores socio-demográficos, económicos y deportivos relacionados con la participación del equipo olímpico español en los JJ. OO. de Pekín 2008 a Rio 2016. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación* (41), 417-424. <https://doi.org/10.47197/retos.v0i41.85721>
- Lower-Hoppe, L. M., Petersen, J. C., & Hutton, T. A. (2020). Collegiate varsity versus club sport: Comparison of student outcomes. *Journal for the Study of Sports and Athletes in Education*, 14(1), 41-57. <https://doi.org/10.1080/19357397.2020.1736486>
- McGrath, C., Palmgren, P. J., & Liljedahl, M. (2019). Twelve tips for conducting qualitative research interviews. *Medical Teacher*, 41(9), 1002-1006. <https://doi.org/10.1080/0142159X.2018.1497149>
- Matias, W. B., Athayde, P. F. Húngaro, E. M. & Mascarenhas, F. (2015). A lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. *Movimento*, 21(1): 95-110. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46419>
- Moses, G. (2015). Competitive youth sports and the rise of overuse, burnout, and career-ending injury. *PIT Journal*, Cycle, 6.
- NBA, National Basketball Association (2021). Recuperado de <http://www.ncaa.com/players>
- NCAA, National Collegiate Athletic Association (2021). Recuperado de <http://www.ncaa.com/standings/basketball-men>
- Patrick, A., & Corte, U. (2019). What is qualitative in qualitative research? *Qualitative Sociology*, 42:139-160. <https://doi.org/10.1007/s11133-019-9413-7>
- Patton, M. Q. (2015). *Qualitative research & evaluation methods: Integrating theory and practice*. 4. ed. Thousand Oaks: Sage.
- Post, E. G., Trigsted, S. M., Schaefer, D. A., Cadmus-Bertram, L. A., Watson, A. M., McGuine, T. A., ... & Bell, D. R. (2020). Knowledge, attitudes, and beliefs of youth sports coaches regarding sport volume recommendations and sport specialization. *The Journal of Strength & Conditioning Research*, 34(10), 2911-2919. <https://doi.org/10.1519/JSC.0000000000002529>
- Puig, N., Martínez, J., & García, B. (2010). Sport policy in Spain. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 2(3), 381-390. <https://doi.org/10.1080/19406940.2010.519343>
- Reis, C. P., Moraes, L. C., Ferreira, M. C., Noce, F., & Costa, V. T. (2014). Recursos humanos, financeiros e materiais de atletas de basquetebol nas categorias de base e a percepção dos treinadores sobre a formação dos atletas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 28(3), 491-503. <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300491>
- Reis, C. P., Costa, V. T., Noce, F., Ferreira, M. C., & Moraes, L. C. (2015). A formação de atletas de basquetebol: Quantificação do tempo de prática e do número de jogos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 29(4), 663-673. <https://doi.org/10.1590/1807-55092015000400663>
- Reverdito, R. S., & Scaglia, A. J. (2020). *Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão*. Phorte Editora.
- Silva, R. M., & Silva, M. R. (2015). O esporte como um direito: traços e tramas da constituição de uma verdade. *Movimento*, 21(1), 69-80. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.45935>
- Smith, B., & Sparks, A. G. (2016). Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise, In. Smith, B & Sparks, A. G. *Interviews qualitative in the sports and exercise sciences*. Abingdon; Routledge, p. 103-123.
- Soares, M. G., Silva Júnior, M. E., & Franco, S. C. (2020). Políticas públicas de esporte e lazer. *LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 23(1), 263-281. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2020.19729>
- Talarico Neto, T. T., Hans Júnior, C. H., Fernandes, L. A., Teixeira-Arroyo, C., & Silva, T. P. (2020). Nível de atividade física e uso de drogas lícitas em universitários. *Biológicas & Saúde*, 10(34), 58-67. <https://doi.org/10.25242/8868103420202068>
- United Kingdom (2021). Recuperado de http://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/486622/Sporting_Future_ACCESSIBLE.pdf
- USA Basketball (2021). Recuperado de <https://www.usab.com/youth>